

Curso II - Escola: Da *skholè* à crise?

A escola democrática é assim pensada como lugar de promessa constantemente traída, constantemente iludida, nos termos do jogo duplo da crítica social: por um lado, critica-se o insucesso, propõe-se remédios – pedagógicos, psicológicos, sociológicos – para este insucesso. Mas a demonstração vê-se instantaneamente desdobrada: provar também, e sobretudo, provar que a democracia mente a si própria, que se ela se adapta mal à igualdade que proclama é porque sub-repticiamente, se adapta na perfeição à desigualdade que dissimula, que a desigualdade é na verdade o seu princípio fundamental. (RANCIÈRE, J. *Nas margens do político*, 2014, p. 60)

Neste módulo pretendemos pensar por que há um discurso de fracasso na escola, por que estamos sempre em busca de “novas soluções”, pedagógicas, psicológicas, sociológicas, para explicar esse insucesso. Nesse sentido procuraremos repensar a própria ideia de escola, no que ela se caracteriza. Sobretudo, lembrar que a escola como “lugar de aprendizagem”, e como lugar privilegiado de “aprendizagem” é algo relativamente recente na sua história. Pensar a “crise de aprendizagem” dos ateliês do século XIX e as suas conseqüências para a “crise da escola” do século XX pode nos ajudar, assim, a ressignificar o papel da escola, a reconsiderar certos “lugares-comuns” que assumimos cotidianamente como educadores ao tomar como “certo”, como “natural”, a avaliação de “crise da escola”. Por que a escola está em crise? É a escola que está em crise? Ou é aquilo que se espera que a escola traga à sociedade que está em crise? Problematizar essas questões, chamando a atenção para o fato de que contemporaneamente a própria sociedade também se representa como uma vasta escola, pode nos ajudar a compreender as implicações políticas e sociais de se tomar a escola como um “lugar social” e, como um lugar privilegiado da transformação social. Repensaremos, sobretudo, a escola como um certo “espaço-tempo”, como tempo de *skholè*, de lazer, ócio, de onde deriva a própria palavra “escola”. Quais as implicações desse esquecimento do tempo escolar como *skholè*? Que sentido pode haver, no século XXI, em retornar a essa origem grega? É possível a *skholè* em nossa escola contemporânea, marcada pelas exigências estatais, curriculares e de mercado? Não se trata aqui de uma discussão idílica, romântica, do tempo escolar, mas de pensar a escola como um espaço-tempo, no mínimo, ambíguo, policial e político, para usar a terminologia de Rancière. Não se trata de negar o aspecto social, de organização social incorporado pela escola, mas apenas de reconsiderá-lo à luz de um confronto com aquilo que a escola ainda pode ter de “política”, de um tempo descolado do tempo da

produção, do labor. Repensar a escola para poder, em alguma medida, recriá-la, dar espaço para que o novo exista, venha a ser.

Tópicos

- As explicações para o fracasso escolar? – A versão republicana, pedagógico-libertária e bourdieusiana.
- A escola como forma – Visão de Rancière.
- O início da visão da escola como lugar de transformação social.
- Escola: um lugar de aprendizagem? Desde quando? – A diferença entre ateliê e escola na formação humana.
- O tempo escolar e sua teologia: escola como espaço-tempo privilegiado para adequação entre maturação e transformação de indivíduos.
- Sociedade atual se representa como uma vasta escola – implicações.
- Escola como estilo de vida dos herdeiros: o contributo de Bourdieu e Passeron para a pedagogia e política atuais.
- Implicações niilistas e progressistas da escola a partir da sociologia de Bourdieu.
- *Skholè*: repensando o tempo de lazer/ócio na escola.
- Escola como figura ambígua: policial e política.

Carga horária: 20h (4 encontros de 2h30'/aula + 10h online)

Data de início: 6/11/2017

Textos:

BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. *A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1982.

PLATÃO *A república*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

RANCIÈRE, J. *École, production, égalité* In: RENOUEUX, X. *L'école de la démocratie*. Paris: Edilig, Foundation Diderot, 1988. (excertos traduzidos)

RANCIÈRE, J. *Nas margens do político*. Lisboa: KKYM, 2014.